

Fotos: Arquivo pessoal



Os eventos de quadra são cruciais para manter as escolas de samba nos períodos em que não há desfile

ala conta com mais de 20, 30 ou 40 figurinos, e algumas são bastante trabalhosas", relata. A organização do trabalho leva em conta a especialização de cada profissional. "Tem pessoas que têm habilidade com renda, outras com pedrarias, outras com montagem, corte ou leitura de desenho. A gente se divide dessa forma."

Nos períodos mais intensos, a jornada se estende por quase todo o dia. "Eu chego ao barracão às seis da manhã e, normalmente, saio uma da manhã, duas. É muito corrido", conta. Apesar do esforço físico, Maria Iraneide destaca o valor simbólico e profissional do trabalho. "É cansativo, mas é gratificante. A gente vê o resultado na avenida."

Além da experiência prática, o carnaval se configura como espaço de formação técnica. "No último desfile, em 2023, participei da Escola de Carnaval com o Milton Cunha. Foi muito valoroso e enriqueceu nosso currículo", afirma. Esse aprendizado se reflete em outros projetos ao longo do ano, como oficinas e cursos voltados para mulheres da comunidade.

Saberes manuais

O conhecimento adquirido no carnaval não se limita ao período da festa. Retalhos, tecidos e materiais reaproveitados dão origem a projetos sociais e iniciativas de capacitação profissional. "A gente trabalha com reaproveitamento. O que sobra do carnaval vira material para cursos e oficinas", explica Maria Iraneide.

Um dos exemplos é o projeto desenvolvido com mulheres da Estrutural. "Quase 90% das costureiras da cidade passaram pelo Maria Costura. Ver alguém que nunca pegou numa tesoura trabalhando para sustentar sua família com aquilo que ensinamos é muito prazeroso", afirma. A renda gerada pelo carnaval, mesmo concentrada em poucos meses, tem efeito multiplicador ao longo do ano.

Mesmo fora do período oficial da folia, a estrutura não se dissolve completamente. Eventos ao longo do ano, como rodas de samba e apresentações culturais, mantêm parte dessa engrenagem em funcionamento. "Em épocas que não há perspectiva de desfile, cerca de 100 pessoas continuam envolvidas, contando o staff que trabalha nos eventos da escola e artistas", afirma.

Ainda assim, a descontinuidade dos desfiles no DF impacta diretamente esse mercado. "Esse trabalho ainda é pouco valorizado, principalmente pela ausência de desfile por muitos anos. Isso faz com que esse tipo de serviço reduza bastante seu mercado e, consequentemente, a curva de aprendizagem", avalia.



Durante todo o ano, a Acadêmicos da Asa Norte promove ensaios abertos, rodas de samba e apresentações



Iraneide Oliveira coordena a confecção de roupas, em outros períodos do ano, comanda projetos sociais de capacitação de costura na Estrutural

Formação profissional

Um dos aspectos centrais dessa cadeia produtiva é o trabalho manual. Costura, bordado, adereçaria e montagem de figurinos exigem habilidades específicas, desenvolvidas ao longo do tempo e transmitidas

de forma coletiva. Coordenadora do grupo de costura da Acadêmicos da Asa Norte, Maria Iraneide da Silva Oliveira acompanha de perto essa dinâmica.

"Quando os desfiles acontecem, a gente trabalha muito. Normalmente é pouco tempo, no máximo dois meses para confeccionar todas as alas da escola. Cada